

Tradução do russo e edição por CN, 14.01.2015

(original em: <http://cccp-kpss.narod.ru/arhiv/soprobos/INF2.htm>)

Terá o marxismo sido derrotado na guerra psicológica-intelectual?

Tatiana Khabarova¹

1998

Caros camaradas.

A nossa sessão é dedicada ao 180.º aniversário do nascimento de Karl Marx que hoje se assinala.

É nosso princípio, ao comemorar estas datas, (princípio a meu ver inteiramente justificado) não nos dedicarmos a glorificações solenes, que, na presente situação, têm uma aparência ambígua, mas antes tomar e examinar concretamente este ou aquele problema, relacionado com o legado de uma determinada figura e com actualidade para a nossa luta de hoje.

Ora o problema mais acutilante e difícil, que hoje se coloca em relação ao legado de Marx, é a negação desenfreada (não há outra palavra para o qualificar) dentro do nosso movimento da importância deste legado para nós.

É a este problema, que infelizmente não é em absoluto um tema para comemorações, que dedicamos a nossa sessão de hoje.

Felicito-vos por este aniversário, que, malgrado quaisquer tentativas de quem quer que seja, permanecerá para sempre uma data festiva para todos os comunistas e todos os combatentes pela justiça social no nosso planeta. Parabéns pelo aniversário de Karl Marx, um dos maiores pensadores e revolucionários da história da humanidade, fundador do comunismo como ciência.

Iniciemos a nossa sessão.

¹ Intervenção no Clube Político do Centro de Moscovo da Plataforma Bolchevique no PCUS, na sessão de 5 de Maio de 1998, dedicada ao 180.º aniversário do nascimento de Karl Marx. Estiveram presente mais de 40 pessoas, entre as quais membros do PCUS, do PCFR [Partido Comunista da Federação Russa], do PCOR [Partido Comunista Operário Russo] PCB da URSS [Partido Comunista Bolchevique de Toda a União], activistas do Movimento de Cidadãos da URSS, do movimento «Rússia Trabalhadora», membros de outros partidos e grupos, cidadãos sem filiação partidária.

**Se conseguissem obrigar-nos a reconhecer a «não cientificidade»
do marxismo, isso equivaleria à nossa capitulação incondicional
na guerra informativa-intelectual.
As principais acusações contra a teoria marxista.**

Recentemente teve lugar no nosso país mais uma conferência da associação «*Lénine, Pátria, Futuro*», dedicada aos problemas teórico-ideológicos do leninismo. Para os que estiveram presentes na conferência, a minha intervenção de hoje será a continuação lógica da que ali fiz no dia 25 de Abril. E assim é de facto, de tal modo que até me permito não repetir certas partes.

Pois bem. Os ataques ao marxismo são feitos numa ampla frente. Cada um de vós, seguramente, conhece estas invectivas numa ou noutra variante, por isso não vou ocupar tempo a referi-las em pormenor. Espero que todos compreendam também o objectivo destes ataques. Estamos em estado de guerra informativa-intelectual, a qual está longe de ter terminado, somos vítimas de uma agressão psicológica; o inimigo necessita de nos retirar das mãos precisamente a nossa arma intelectual, de uma forma durável, garantida, digamos. Ao longo do último século, essa arma foi o marxismo-leninismo. Por conseguinte, se conseguissem obrigar-nos a reconhecer a inconsistência, a «*não cientificidade*» do marxismo, então teríamos simplesmente que capitular incondicionalmente na guerra informativa-intelectual: ou seja, concordar com o facto de que tudo o que foi construído ao longo de mais de 70 anos na União Soviética, não passou de construções na areia; lamentar a derrocada de tudo isto seria estúpido, e continuar a lutar com uma arma que à partida consideramos inútil, seria absurdo.

Como vemos, os planos são por demais radicais, e no caso de se realizarem poriam fim à Terceira Guerra Mundial da forma mais vantajosa para o inimigo, uma vez que cessaria da nossa parte qualquer resistência minimamente real. Refiro-me precisamente a uma resistência *real*, dado que *não é real* a resistência aos escravagistas fascistas-norte-americanos a partir das posições da «*ideia russa*», da ortodoxia, do Santo Sínodo da Rússia Justa,² etc. O inimigo não combate o Santo Sínodo da Rússia Justa, mas a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, não combate os russos em si, mas o povo soviético, não combate a igreja ortodoxa (que na presente guerra está do lado do inimigo), mas o bolchevismo marxista-leninista-stalinista. É pois necessário resistir ao inimigo lá onde ele ataca e pela razão que nos ataca, e não pela razão que nos parece que nos atacou. Nos últimos tempos apareceram tantos adeptos ferrenhos da teoria do controlo³ que só podemos admirar-nos de que não compreendam coisas tão elementares como estas.

Em última análise, as acusações contra o marxismo convergiram numa tese: a de que o «*marxismo como ideologia de Estado da URSS não foi capaz de fazer frente*

² Esta expressão foi usada por uma corrente política de inspiração ortodoxa que criou, em 1997, o Movimento Popular do Império de Deus, mais tarde, entre 2000 e 2007, transformado em Partido Conceptual União. Nos documentos deste partido a URSS (CCCP na sigla em russo) era citada como Santo Sínodo da Rússia Justa (Святая Соборная Справедливая Русь – СССР). (N. Ed.)

³ Na matemática e em engenharia, a teoria do controlo tem como objecto de estudo o comportamento dos sistemas dinâmicos em função das trajectórias e parâmetros. (N. Ed.)

à agressão psicológica, e a consequência disso foi a derrocada do país». ⁴ Deve-se dizer que uma pessoa que não conhece em profundidade a essência da questão, este argumento parece irrefutável. Sob esta perspectiva, todo o tipo de acusações inventadas contra a teoria marxista, por mais absurdas que sejam, são engolidas com uma facilidade inabitual. «*Poder-se-á considerar como lei uma afirmação que não tem força preditiva na prática real?*». ⁵ Pois é claro que não se pode. Donde se infere que o marxismo e a sua doutrina social não descobriram quaisquer leis do desenvolvimento social, e que, porventura, se desconhece se tais leis existirão de todo na natureza das coisas.

Particularmente visada é a lei da correspondência das relações de produção com o nível de desenvolvimento das forças produtivas.

«*Todo o socialismo soviético foi uma rotunda violação da lei da “correspondência”*». ⁶ «*O materialismo histórico falhou na compreensão da sociedade soviética, o que foi honestamente reconhecido por Andrópov*». ⁷ «*Chegámos a uma situação em que o secretário-geral foi obrigado a reconhecer: “Não conhecemos a sociedade na qual vivemos”. Não podemos admitir que os cientistas distorceram deliberadamente o conhecimento e que toda a cúpula do PCUS, incluindo Andrópov, era de uma estupidez irremediável. Não, é mais convincente pressupor que o problema estava precisamente na teoria, no método de conhecimento da nossa sociedade.*» ⁸

Esta é uma argumentação inimitável. Não se pode pressupor que Andrópov era estúpido, que o seu círculo de lambe-botas e oportunistas do marxismo «*distorceram deliberadamente o conhecimento*», mas já se pode pressupor e é muito «*convince*» que Marx e Lénine eram estúpidos. Além disso, se Andrópov não conhecia a sociedade na qual vivia, daqui não se pode inferir que outros não a conheciam.

São referidos diversos exemplos sobre a «*inoperância*» das leis do materialismo histórico, em primeiro lugar, uma vez mais, da lei da correspondência. Esses exemplos se algo demonstram e provam é seguramente a mais completa ignorância dos seus autores nas questões em que arriscam o julgamento.

«*Segundo Marx, o progresso científico-técnico (o desenvolvimento das forças produtivas) deve primeiro abrandar, provocar a revolução e destruir o aparelho do Estado, o novo aparelho do novo Estado deve alterar a forma de propriedade, e isso, por sua vez, deve libertar as forças produtivas e novamente impulsionar o crescimento da produção de mercadorias e serviços para o abastecimento vital do povo. E o que é que vemos na Rússia? O aparelho do Estado, no qual não havia um só capitalista, beneficiando de um assinalável crescimento das forças produtivas (a URSS só era ultrapassada pelo Japão), muda a propriedade para a forma capitalista, o que provoca um acentuado entravamento das forças produtivas e a*

⁴ *Znanie – Bvast!*, n.º 3 (42), p.1.

⁵ S. Kara-Murza, «*Não agitar paradigmas*», *Sovietskaia Rossia*, de 2 de Fevereiro de 1997, p. 4.

⁶ S. Kara-Murza, «*Hora de duvidar*», *Sovietskaia Rossia*, de 28 de Novembro de 1996, p. 2.

⁷ S. Kara-Murza, «*Em prol das dúvidas*», *Sovietskaia Rossia*, de 28 de Dezembro de 1996, p. 2.

⁸ *Sovietskaia Rossia*, de 27 de Dezembro de 1997, p. 4.

diminuição em duas vezes da produção de mercadorias». E como síntese geral: «Não há ciência do “marxismo” porque ela nunca existiu».⁹

Naturalmente, cada subversor de Marx propõe-se ocupar o seu lugar.

A lei da correspondência das relações de produção ao carácter e nível de desenvolvimento das forças produtivas: esquema-chave explicativo-preditivo do marxismo como ciência

Examinemos o assunto mais de perto: existiu uma tal ciência, existirá ainda hoje, e o que lhe aconteceu nas fases já disputadas e terminadas da guerra psicológica informativa? Qualquer verdadeira ciência possui um determinado esquema explicativo-preditivo, em torno do qual se desenvolve e graças ao qual alcança os seus triunfos. Assim, o sistema de Newton distinguiu-se pela descoberta da lei universal da gravidade. Depois toda uma geração de cientistas, entre os quais mentes tão brilhantes como a de Laplace,¹⁰ dedicaram toda a sua vida a mostrar como se explicam e se podem compreender, com base na lei da gravidade, um conjunto crescente de novas esferas de fenómenos.

Será que o marxismo possui um tal esquema?

Possui. É a lei da correspondência das relações de produção ao carácter e nível de desenvolvimento das forças produtivas.

O segredo para uma utilização com êxito desta lei reside na compreensão de que o componente principal das forças produtivas, a fonte e mola do desenvolvimento do modo de produção, não é a técnica nem o progresso científico-técnico, mas sim as próprias pessoas.

As forças produtivas são pessoas, as massas laboriosas, com a técnica e tudo o mais que é necessário à produção. As relações de produção são as relações das pessoas no que respeita, em primeiro lugar, à produção de bens materiais – são a **estrutura da sociedade**, como Marx as definiu, ou a **base** económica da sociedade numa dada etapa do seu desenvolvimento. As relações de base são, na sua essência, formas de actividade produtiva das pessoas.

A base, como princípio de formação estrutural, é a parte mais conservadora do modo de produção. A estrutura não se altera a cada minuto; ela é rectificadada, ajustada, concretizada, mas no seu conjunto perdura durante bastante tempo. A palavra «base» não deve ser entendida unicamente como alicerce. A base são as paredes e o telhado; na presente etapa de desenvolvimento é como uma espécie de moldura estrutural que delimita os contornos espaciais do crescimento das forças produtivas.

As forças produtivas são a parte móvel, revolucionária, do modo de produção, a fonte do seu autodesenvolvimento. A **correspondência** da base às forças produtivas significa que a moldura estrutural de um dado nível de desenvolvimento da sociedade é bastante ampla e conveniente; as relações económicas, as formas de propriedade, estimulam a actividade produtiva das pessoas. No estado de «*correspondência*», a

⁹ «Será o marxismo uma ciência?», *Duel*, n.º 6 (28), p. 5.

¹⁰ Pierre-Simon de Laplace (1749-1927), matemático, astrónomo e físico francês, autor do *Tratado da Mecânica Celeste*, onde aplica a análise matemática à mecânica geométrica de Newton. (N. Ed.)

base intervém, segundo a definição de I.V. Stáline, como o principal motor do desenvolvimento das forças produtivas. Também se pode dizer que, no estado de «*correspondência*», a base **se adianta** às forças produtivas.

Mas eis que a moldura da base fica repleta e o espaço para as forças produtivas se torna apertado. A actividade produtiva das pessoas decai, e abranda ou mesmo define o progresso técnico. A base passa do papel de principal motor para o papel de travão das forças produtivas. A correspondência entre elas foi quebrada, as relações de base estão obsoletas. As forças produtivas procuram uma saída. Mas quem, em concreto, procura uma saída, porventura será a técnica? Para a técnica tudo isto é indiferente, quem procura são as pessoas – os representantes da nova classe em formação, que traz consigo um novo tipo histórico de actividade produtiva.

Neste ponto inferior de todo o ciclo – e este é precisamente um processo cíclico – pode-se dizer que as forças produtivas **se adiantaram** em relação à base, e a base **se atrasou** em relação ao desenvolvimento das forças produtivas. No entanto, todas estas inter-relações só serão válidas no caso de se ter presente que as forças produtivas são, em primeiro lugar, **as pessoas, as pessoas e mais uma vez as pessoas**.

Aliás, as próprias relações de produção são também pessoas. E é nas relações de base que radica a superestrutura, isto é, o sistema de domínio político da classe para a qual é chegada a hora de sair da cena histórica. Evidentemente, que a classe historicamente obsoleta não quer sair por vontade própria, ela agarra-se às suas prerrogativas, ao seu poder e opõe-se às mudanças que amadureceram. Na sociedade inflama-se e agudiza-se o **conflito de classe, ou conflito de base**, a contradição de classe antagónica.

O que acontece a seguir?

Lemos I. V. Stáline:

*«Até dada altura, o desenvolvimento das forças produtivas e as alterações no domínio das relações de produção decorrem de um modo espontâneo, independente da vontade dos homens. Mas isto acontece só até um determinado momento, até ao momento em que as forças produtivas surgidas e em desenvolvimento atingem o devido grau de amadurecimento. Assim que as forças produtivas amadurecem, as relações de produção existentes e as classes dominantes que as representam transformam-se num obstáculo «inultrapassável», que não pode ser removido do caminho senão mediante a actividade consciente das novas classes, pela acção violenta destas classes, pela via da revolução. É então que se manifesta com especial evidência o **enorme papel** das novas ideias sociais, das novas instituições políticas e do novo poder político, chamados a suprimir pela força as velhas relações de produção. Na base do conflito entre as novas forças produtivas e as velhas relações de produção, na base das novas necessidades económicas da sociedade surgem novas ideias sociais. As novas ideias organizam e mobilizam as massas, as massas juntam-se num novo exército político, formam um novo poder revolucionário e utilizam-no para abolir pela força as velhas regras no domínio das relações de produção e estabelecer novas regras.»¹¹*

Aqui, antes de mais, é preciso sublinhar bem e cada um de nós deve assimilar solidamente que as novas forças produtivas, amadurecidas para a eclosão da revolução, as forças que propriamente realizam a revolução, não são, mais uma vez, de modo

¹¹ I.V. Stáline, *Sobre o Materialismo Dialéctico e o Materialismo Histórico* (1938), <http://www.hist-socialismo.com/docs/MatDialecticoHist%C3%B3rico.pdf>, pp. 23-24. (N. Ed.)

nenhum, nem a técnica nem o progresso científico-técnico em si, mas **a classe historicamente ascendente, coesa e organizada na base de novas ideias, que surgiram sob a pressão das novas necessidades económicas da sociedade.**

Aquilo que teóricos infelizes, como Múkhine e outros da mesma categoria, nos contam a propósito do progresso científico-técnico, que abranda e esse abrandamento, alegadamente, «*gera a revolução e destrói o aparelho do Estado*» – isso não é marxismo, mas um disparate kautskiano-trotskista, que não tem qualquer relação com o marxismo leninismo-stalinismo revolucionário.

É precisamente por aqui que passa a linha de demarcação conceptual entre o marxismo como tal e o kautskianismo (que mais tarde se torna trotskismo), entre as correntes revolucionária e a oportunista, social-conciliadora, no movimento operário e comunista do último meio século. Eis essa linha separadora de águas: deveremos considerar como a principal e mais dinâmica força produtiva, como a fonte primária do desenvolvimento da sociedade, a **técnica** ou as **pessoas**, vistas num determinado contexto como a classe revolucionária mais avançada historicamente? O marxismo afirma que são as pessoas, os trabalhadores; o oportunismo contrapõe aos trabalhadores os instrumentos de produção, que alegadamente se desenvolvem espontaneamente, estando por trás desse alegado desenvolvimento espontâneo a «*elite*» científico-técnica e de gestão, a qual, por sua vez, serve a classe dos capitalistas ou dos proprietários pseudo-capitalistas. Eis, como se costuma dizer, toda a história.

Efectivamente, a partir das posições do kautskianismo é totalmente impossível explicar seja a revolução, seja em geral a transição entre formações (ou uma transição significativa dentro da mesma formação), seja ainda a edificação pós-revolução. Porquê? Por uma razão muito simples: porque esta teoria foi criada originalmente não para impulsionar e servir ideologicamente a revolução, mas para a prevenir ou, assim que viesse a acontecer, impedir a construção da nova sociedade e procurar direccionar o curso dos acontecimentos no sentido favorável aos interesses do capital internacional. Foi precisamente por isso que, depois da Revolução de Outubro, na União Soviética, os trotskistas ignoraram na prática as grandiosas transformações de base e político-jurídicas decorridas e em curso, continuaram obstinadamente a recalcar que supostamente o socialismo não era possível no nosso país, que a URSS era um vulgar Estado de classes antagónicas, no qual os operários são sujeitos à exploração por parte da maldita «*nomenclatura*», etc. E que, por isso, a URSS tinha de ser destruída, e depois de removidos os seus destroços do seu lugar histórico, seria necessário realizar a «*segunda revolução socialista*» e edificar então o socialismo «*correcto*», não limitado ao nível nacional, mas universal, de acordo com as receitas elitistas kautskianas. E hoje de novo parece que é necessário «*abrirmo-nos ao mundo*», integrar o «*mercado mundial*» e a «*civilização mundial*», colocar os respectivos recursos ao serviço dos povos dos «*países civilizados*» e reduzir a nossa própria população em dois terços. Eis pois toda a ideologia da «*perestroika*» e da «*pós-perestroika*».

Não surpreende que os sequazes trotskistas tanto no nosso país como no estrangeiro tenham festejado a derrocada forçada do Estado soviético no decurso da Terceira Guerra Mundial como o acontecimento mais feliz das suas vidas.

O que surpreende é o jornal *Sovietskaia Rossia*, com uma tiragem de 300 mil exemplares, ter ao longo de dois anos, em cada número, veiculado pela boca do aqui citado Serguei Kara-Murza todos estes delírios kautskianos, como se de marxismo

e de materialismo histórico se tratasse. Supostamente, o próprio materialismo histórico ensinaria que o regime socialista na URSS não corresponde aos interesses dos operários e por conseguinte deveria ser eliminado. Donde se conclui que «o principal cavalo de Tróia para a introdução de ideias falsas no seio dos operários foi o marxismo».¹²

Mas o que é que o marxismo tem a ver com isto? Se alguém como Kara-Murza não compreende a diferença científica entre o marxismo e o trotskismo por que razão entra numa área que não é a sua e inculca nas pessoas semelhantes absurdidades? Que vos parece, não bastará a lavagem aos cérebros que a dita democracia faz a cada instante, será preciso que os «comunistas» ajudem?

Quanto às «autoridades» em que Kara-Murza se apoia, são de morrer de rir. «Tomemos os trabalhos do filósofo marxista e professor da Universidade Estatal de Moscovo, A. Butenko»,¹³ escreve Kara-Murza. Ora Butenko não é marxista nem filósofo, mas um oportunista da filosofia. «No Pravda, B. Slavine estigmatizou o período soviético com base nas posições do materialismo histórico. Estas ideias enchem a revista Alternativa, dirigida por A. Buzgaline».¹⁴ Tanto Buzgaline como Slavine são intragáveis trotskistas, e não o escondem. É claro que não defendem as «posições do materialismo histórico», mas as posições do anti-sovietismo internacional e do antibolchevismo.

**A dialéctica como a mais completa e profunda doutrina
sobre o desenvolvimento e a sua propagação do domínio da filosofia
ao domínio das ciências concretas sobre a natureza e a sociedade
– um feito histórico dos clássicos do marxismo**

Antes de voltar às forças produtivas e às relações de produção, refiro ainda uma outra «kara-muzisse» nefasta, ao citar as palavras de V.S. Markov. Trata-se da afirmação, várias vezes repetida por Kara-Murza, de que supostamente o materialismo histórico é a teoria da estabilidade dos estados e do equilíbrio dos processos, ou seja, a teoria da **homeostasia**.¹⁵ Mais uma vez não estamos perante qualquer «ponto de vista novo» ou «um novo tipo de pensamento», mas apenas perante uma felpuda estupidez, pela qual, na época soviética, um estudante chumbaria no exame de filosofia marxista-leninista em qualquer curso superior minimamente decente.

O método do marxismo é a dialéctica, a dialéctica é a lógica do **desenvolvimento**, ou seja, não é o mero funcionamento equilibrado no quadro de uma mesma especificidade qualitativa, mas a lógica do salto qualitativo, da passagem de uma especificidade qualitativa para outra; a lógica da ascensão do objecto em desenvolvimento para um novo estágio qualitativo, a luta da nova qualidade contra a velha, a superação do velho, mas ao mesmo tempo a preservação dos seus lados positivos.

O algoritmo principal do desenvolvimento é a **contradição dialéctica**.

¹² S. Kara-Murza, «Mais tolos que as formigas», *Sovietskaia Rossia*, de 31 de Outubro de 1996, p. 2.

¹³ Idem, *ibidem*.

¹⁴ S. Kara-Murza, «Como regressar ao bom senso?», *Sovietskaia Rossia*, de 6 de Março de 1997, p. 3.

¹⁵ S. Kara-Murza, «A lógica do “pecado”», *Sovietskaia Rossia*, de 4 de Janeiro de 1997, p. 3.

Este é também o algoritmo do movimento, que inclui em si o salto qualitativo, a passagem qualitativa, tal como as leis de Newton no seu conjunto são o algoritmo do movimento linear e uniforme. O movimento linear e uniforme constitui precisamente a abstracção mais geral das ciências naturais da homeostasia, ou seja, o movimento **entre dois saltos qualitativos** no quadro de uma só qualidade.

Numa das nossas sessões já tive ocasião de referir que a «*contradição*» é uma designação extremamente infeliz para a lei geral do desenvolvimento. Ela resultou do facto de esta lei ter sido inicialmente sondada, detectada, na filosofia idealista, a qual formulava todos os seus princípios na base do pensamento humano. Historicamente, a dialéctica alcançou a sua forma mais perfeita e acabada no sistema filosófico de Hegel. Mas este sistema era, repito, idealista. A natureza era encarada como uma transformação da ideia absoluta.

Enquanto se tratou da ideia, apesar de absoluta, o termo «*contradição*» não suscitou objecções. Mas foi uma tarefa extremamente complicada estender à natureza este aparelho conceptual (e com ele a concepção mais elaborada sobre o desenvolvimento), não já na forma como ela é entendida pelo filósofo idealista, mas como é vista pelo naturalista, que defende as posições do materialismo espontâneo. Isto refere-se não só à natureza, mas também à vida social, se a encararmos, igualmente, não na perspectiva do filósofo idealista, mas do economista, do historiador, do jurista, etc.

Este trabalho – isto é a extensão, segundo as palavras de V.I. Lênine, da «*dialéctica de Hegel*» como «*a doutrina do desenvolvimento mais vasta, mais rica de conteúdo e profunda*»¹⁶ – a extensão da dialéctica do domínio único da filosofia ao domínio das ciências da natureza e sociais, foi a grande proeza de Marx e Engels precisamente como cientistas e filósofos materialistas. Nisto consistiu o significado grandioso e histórico da criação por eles do sistema filosófico do **materialismo dialéctico**, incluindo o materialismo histórico, como o seu ramo sociológico.

O materialismo histórico é a extensão da interpretação do método dialéctico ao domínio das ciências sociais. Antigamente qualquer estudante na URSS sabia isto, frequentasse ele um curso de humanitárias ou de ciências técnicas. Hoje há «*professores*» que demonstram que o materialismo histórico não tem uma linguagem adequada para descrever os desequilíbrios, ou seja, os estados de desenvolvimento não homeostáticos. É surpreendente a rapidez do amolecimento dos cérebros do nosso «*professorado vermelho*». Como se isso não bastasse, com a colaboração daquele que é porventura o único jornal de grande tiragem (alegadamente) comunista, procuram há anos incutir esse mesmo marasmo em todo o público leitor dessa publicação.

Hoje diz-se que não temos um verdadeiro partido comunista de massas. Muito pior, e de facto trágico, é não termos uma imprensa de grande tiragem verdadeiramente comunista.

Aqui deve ter-se em atenção que o trabalho de Marx e Engels de estender a doutrina do desenvolvimento a todo o conhecimento humano não foi até hoje concluído. Até hoje não surgiu, não foi elaborado um análogo, uma versão das ciências naturais e matemáticas da **contradição dialéctica ou da lei geral do desenvolvimento**. É

¹⁶ «*Karl Marx (Breve nota biográfica com uma exposição do marxismo)*» (1914), V.I. Lênine, *Obras Escolhidas* em seis tomos, Ed. Avante! – Ed. Progresso, Lisboa – Moscovo, 1984, t. 2, p.184. (N. Ed.)

certo que a física gerou qualquer coisa no início do século XX, mas, infelizmente, passados cem anos a coisa ainda não nasceu. Por enquanto ainda não surgiu nas ciências naturais, apesar de não terem faltado pretendentes, um novo Newton que criasse algoritmos nas ciências naturais e matemáticas dos processos de desenvolvimento, da espiral do desenvolvimento mundial, tal como o próprio Isaac Newton criou algoritmos dos processos da homeostasia universal.

De modo que os nossos clássicos comunistas – precisamente como cientistas, pela capacidade de generalização do seu pensamento filosófico – continuam muito à frente, e não atrás, da época de hoje. Acreditamos que se Engels, com o seu *Anti-Dühring*, ou Lênine, com o seu *Materialismo e Empiriocriticismo*, ressuscitassem hoje ficariam surpreendidos não com os avanços da ciência, mas com os seus poucos progressos no plano conceptual. «*Então meus amigos, estiveram a dormir durante cem anos?*», diria provavelmente Lênine aos cientistas da natureza. «*Onde está o quadro integral dialéctico-materialista do mundo, o qual ainda durante a minha vida, ainda na minha juventude, prometeram criar?*»

A lei da correspondência – lei geral do desenvolvimento dos sistemas sociais.

O ponto superior do ciclo da base.

A «institucionalização da revolução» no socialismo.

Regressemos agora à análise do ciclo da base. Ao contrário das ciências naturais, a forma adequada da expressão da lei geral do desenvolvimento para as ciências sociais (antes de mais para a economia política) foi descoberta graças aos esforços de Marx e Engels. A lei da correspondência das relações de produção ao carácter e nível de desenvolvimento das forças produtivas constitui precisamente a contradição dialéctica (ou, como também é chamada, essencial) de uma determinada formação socioeconómica ou de um determinado modo de produção.

A lei da correspondência é a lei dos saltos qualitativos concebida para descrever a transição de uma formação para outra ou mesmo para a descrição de grandes transformações no interior das formações. Utilizá-la – como faz Kara-Murza – para analisar o comportamento de um grupo de ceifeiros no campo, revela simplesmente uma ignorância metodológica elementar. É absolutamente certo que esta lei não explica, nem deve explicar, nada do que ali se passa.

Em todos os outros casos referidos por Kara-Murza, esta lei funciona sem falhas, se, evidentemente, for utilizada correctamente. Se montarmos um cavalo da frente para trás, também não iremos longe, mas o culpado disso não será naturalmente o cavalo, mas o cavaleiro. Nos exemplos que refere Kara-Murza desempenha o papel desse cavaleiro que se pôs em cima do cavalo com a cabeça para trás e grita que lhe impingiram uma má montada.

A Revolução Meiji no Japão: o que é que aqui não está em consonância com a lei da correspondência? O conflito de base pode ser resolvido através de uma explosão sangrenta, como durante a época da Revolução Francesa, ou pode ser resolvido de modo relativamente pacífico. E foi de modo relativamente pacífico que teve lugar a revolução burguesa no Japão, entre as décadas de 60 e 80 do século XIX. De modo

relativamente pacífico, uma vez que também houve uma guerra civil no Japão, houve um fluxo de revoltas camponesas e até houve ingerência estrangeira.

Ao contrário de países europeus, no Japão o regime monárquico não caiu, mas antes se reforçou, razão pela qual estes acontecimentos da história japonesa são por vezes considerados não como uma revolução, mas como uma «*restauração*». Isso em nada altera a sua essência. Gritar a este propósito, como faz Kara-Murza, que, alegadamente, o marxismo não o pode explicar, isso é simplesmente uma infantilidade. Nas condições da época, um poder imperial forte no Japão era o que melhor respondia às necessidades do desenvolvimento burguês do país, uma vez que existia o perigo de, sob a bandeira da modernização burguesa, se pôr em causa a independência nacional. E com o imperador Mutsuhito as transformações burguesas necessárias foram realizadas sob total controlo do poderoso Estado nacional. Não há aqui quaisquer mistérios para a análise marxista.

Ao examinarmos há pouco o ciclo de base parámos na fase em que as massas organizadas e mobilizadas em torno de novas ideias se uniam num novo exército político, criavam um novo poder revolucionário e utilizavam-no para demolir, desmantelar a moldura obsoleta da base e no seu lugar edificar uma nova, capaz de dar mais espaço ao desenvolvimento das forças produtivas.

Este é o ponto superior do ciclo de base.

A substituição da moldura estrutural obsoleta por uma nova pode ser feita de modo mais ou menos pacífico, mesmo numa sociedade de classes antagónicas, como acabámos de ver. No socialismo, o desmantelamento das relações de base obsoletas e a sua substituição por novas estruturas mais progressistas deve, em geral, ser feito apenas de forma planificada. O socialismo não se diferencia do regime de classes antagónicas pelo facto de que aqui, alegadamente, as relações de base não podem ser sujeitas a transformações radicais, mas unicamente pelo facto de que a sociedade aqui é capaz de prever objectivamente a necessidade de um avanço da base e realizá-lo ordeiramente, sem qualquer tumulto.

O socialismo, como se fosse a própria revolução – isto é, a renovação qualitativa periódica das estruturas de apoio da sociedade –, fá-lo através de um processo institucional planificado. Aliás, nisto consiste o núcleo racional da concepção de Mao Tsé-Tung relativamente à «*continuação da revolução durante a ditadura do proletariado*». A revolução, como uma ascensão que se repete periodicamente para um nível mais elevado, não sai nem pode sair da vida da sociedade. Apenas é preciso conferir-lhe uma forma institucional; nisto consiste a missão histórica do socialismo e do comunismo.

No ponto superior do ciclo de base a **correspondência** entre as relações de produção e as forças produtivas é restabelecida e a base renovada retoma o seu papel de motor principal das forças produtivas. O progresso científico-técnico revitaliza-se, as forças produtivas começam a assimilar a nova moldura estrutural. E novamente a base ultrapassa as forças produtivas. Mas vejamos isto agora de um modo um pouco diferenciado.

A base não pode nunca e em nenhum aspecto «*ultrapassar*» as pessoas como núcleo do sistema de forças produtivas, como o seu componente **subjectivo**. O mesmo se passa no que respeita ao «*motor principal*». A base renovada serve como motor principal do progresso técnico-material, mas, naturalmente, não é a classe produtora em si.

**A análise marxista da base no período
pós-revolução de Outubro da nossa história.
A entrada da URSS no limiar inicial da segunda fase
da formação socioeconómica comunista.
O quadro geral marxista inacabado
das transformações de base conducentes ao comunismo.**

Para aplicarmos correctamente a lei da correspondência ao nosso desenvolvimento pós-Outubro, é preciso passar das discussões sobre se o socialismo foi ou não construído para a seguinte questão simples: em que ciclo de base estávamos? É impossível situarmo-nos fora do espaço da base, tal como o é fora do campo de gravidade. E assim as coisas ficam imediatamente no seu lugar, uma vez que ao longo de todo o período pós-Outubro estivemos na primeira fase do ciclo de base da formação socioeconómica comunista, passando pelas diversas etapas do seu desenvolvimento.

Em que se distingue a primeira fase da segunda?

Na segunda fase a relação socioestrutural é **o trabalho como realização criativa das capacidades das pessoas.**

Na primeira fase, o trabalho realiza-se ainda segundo o princípio da «*força de trabalho*», mas a força de trabalho já não é uma mercadoria, pois é garantida nos múltiplos aspectos pelo Estado, incluindo no plano da criação de condições para a sua transformação gradual em trabalho-criação.

A propriedade socialista dos meios de produção significa pela sua própria essência precisamente o seguinte: que na sociedade domina o **trabalho-«força-de-trabalho», garantido em todos os aspectos pelo Estado, com condições para a sua autotransformação em trabalho-criação.**

Mas este nível da base foi alcançado por nós logo em 1917/18. I. V. Stáline não estava de todo equivocado quando, nos *Problemas Económicos do Socialismo na URSS*, afirmou que «em Outubro de 1917» substituímos «as velhas relações de produção, as relações de produção capitalistas, por novas relações socialistas de produção».¹⁷

Seguidamente a base produtiva e de relações de produção do nosso regime materializou-se de uma forma poderosa, cresceu, completou-se, aperfeiçoou-se, mas tudo isto aconteceu já na fase descendente do ciclo. No final dos anos 20, a agricultura foi inscrita no sistema de propriedade socialista; ao longo dos anos 30 e 40 foi descoberta a modificação socialista da lei do valor, isto é, o princípio adequado à propriedade social de formação e distribuição do rendimento líquido.

Depois disto não havia mais nada a fazer na primeira fase da formação comunista. Era preciso procurar os caminhos para a transição dessa estrutura de base, que garantia o trabalho apenas como «*força-de-trabalho*», para uma estrutura que garantisse realmente a realização dos trabalhadores como indivíduos criativos. Ou, de acordo com a definição de Lénine, a via para a transição da igualdade formal para a igualdade real. Isto é, estava na altura de realizar a tal «*revolução planificada*» de que atrás se falou.

¹⁷ I. V. Stáline, *Problemas Económicos do Socialismo na URSS*, <http://www.hist-socialismo.com/docs/ProblemasEconomicosSocialismo.pdf>, p. 37 (N. Ed.)

Deve-se dizer que a direcção do partido e do Estado da URSS, logo desde o final dos anos 40, tinha uma percepção muito nítida da necessidade inadiável de um avanço, em certo sentido, para o comunismo. Este espírito atravessa os «*Problemas Económicos*». O XXII Congresso proclamou oficialmente que havíamos entrado plenamente no período da construção do comunismo. No entanto, não foi apresentado o quadro integral marxista científico das transformações necessárias de carácter revolucionário. Em todas as revoluções, como vimos no esquema marxista, são as massas que criam o novo poder. Nós, naturalmente, não precisávamos de criar um novo poder, mas exigia-se a todo o custo uma democratização fundamental do poder existente.

O mais lastimoso é que o esboço conceptual ou projecto, em termos gerais, de uma tal democratização já existia: era o programa de desenvolvimento da crítica de massas a partir de baixo. Todavia, não houve capacidade para converter esta magnífica concepção em normas concretas jurídico-institucionais, e mesmo o próprio Stáline, infelizmente, não a refere nos «*Problemas Económicos*».

**A lei da correspondência e a abordagem de Stáline da lei do valor –
um dos primeiros alvos da guerra informativa.
A concretização do prognóstico marxista sobre o conflito de base
na sociedade soviética.**

Deste modo, apesar de ter sido proclamada, a construção do comunismo não se apoiou efectivamente na definição marxista científica das estruturas sociais, no nível a que base se deveria elevar. Por isso o processo não atingiu o seu fim.

Considerava-se que estávamos a construir o comunismo, mas na realidade o país mantinha-se dentro da moldura de base da sua primeira fase, formalmente niveladora, que envelhecia com rapidez e descontroladamente.

Um dos primeiros grandes êxitos da guerra intelectual-informativa foi a chamada «*revelação do culto da personalidade de Stáline*» e a recusa em utilizar o seu legado teórico, antes de mais, *Os Problemas Económicos dos Socialismo na URSS*. Isto não foi a derrota do marxismo-leninismo criativo em si, como arma teórica-ideológica do partido e do povo soviético. A guerra, a diversão, a traição, consistiu no facto de esta arma ter sido consecutiva e obstinadamente retirada das mãos do partido e do povo.

Tal como hoje, a lei da correspondência suscitava uma hostilidade particular ao inimigo, e todos os esforços foram dirigidos para bloquear a sua utilização na elaboração dos documentos do partido, com importância estratégica, conceptual.

É habitual censurar-se Khruchov pelo facto de ter substituído a termo de ditadura do proletariado pelo de Estado de todo o povo. Mas esta mera substituição terminológica não teve, em geral, efeitos no nosso Estado. Já a principal vileza revisionista dessa altura continua até hoje ignorada e por anatematizar pelo nosso chamado movimento comunista. Isto porque, visivelmente, praticamente toda a sua cúpula ideológica não tem quaisquer posições «*leninistas-stalinistas*», mas posições tipicamente khruchovistas, trotskistas.

Essa vileza foi a substituição do conceito marxista da **base como estrutura económica da sociedade** pela noção kautskiana de «**base técnica-material**». Foi pre-

cisamente por isso que a análise marxista, segundo o esquema da lei da correspondência, foi inteiramente banida do Programa do PCUS, aprovado no XXII Congresso, provocando a desorientação estratégica que, em vez do comunismo, nos levou ao «socialismo desenvolvido», depois à «estagnação» e por fim à «perestroika».

Tal como hoje os peluches antimarxistas que escrevem na *Sovietskaia Rossia* e outros jornais «comunistas», os antimarxistas daquela época acometiam furiosamente contra a abordagem de Stáline da lei do valor. O resultado foi a maldita «*reforma económica*» de 1965/67, que destruiu a modificação socialista da lei do valor, privando a propriedade social do princípio de formação do rendimento que lhe era adequado.

Os processos destruidores gerados pela «*reforma*» entraram em ressonância com os efeitos negativos provocados pela obsolescência geral da base socialista, e elevaram literalmente ao quadrado esses efeitos negativos. Prosseguiu a toda a velocidade a elitização e burocratização da camada dirigente, o seu alheamento do povo, o que traduzia designadamente a obsolescência das relações de produção; diminuía os ritmos do crescimento económico, definhava o progresso científico-técnico.

Quando se tornou evidente que não surgiria nenhum comunismo em 1980, foi lançada a nova patranha antimarxista: a teoria da «*sociedade socialista desenvolvida*». Esta teoria desvirtuava por completo a perspectiva comunista, remetia o comunismo para um futuro nebuloso, ignorava a característica mais importante dos principais processos sociais: o seu carácter cíclico, o qual decorre do carácter cíclico do funcionamento da lei da correspondência; descrevia a situação como se porventura a sociedade pudesse permanecer no mesmo estado por tempo indeterminado. Com o aparecimento da teoria do «*socialismo desenvolvido*» tornou-se praticamente impossível falar do desenvolvimento **contraditório dialéctico** da nossa sociedade, e deus nos livrasse de sugerir que o conflito prolongado de base não resolvido pode, também no socialismo, em última análise, tomar uma forma explosiva-espontânea, ou seja, uma forma antagónica.

Por se ter colocado em primeiro plano a «*base técnica-material*» em vez da base, enquanto conjunto das relações de produção, perdeu-se a noção marxista de revolução, o salto qualitativo no desenvolvimento da sociedade, precisamente como um avanço integral, assente em alterações da base, estruturais, sendo as alterações no domínio da técnica apenas um elemento secundário, auxiliar. Surgiu a «*revolução científica-técnica*» auto-suficiente, alegadamente única e igual para todos os países, povos e formações, apesar de na realidade o progresso técnico-científico ser igualmente mediado pelas classes, como qualquer outro fenómeno social.

Se a análise marxista apontava para a renovação das **nossas** relações de produção, desbloqueando por essa via as nossas forças produtivas socialistas, então a «*teoria da revolução científica-técnica*» impelia directamente para a compra desenfreada de técnica ocidental, alegadamente como forma de resolução dos problemas internos. Depois, aos poucos, o Ocidente convenceu-nos que era muito mais vantajoso importar não a técnica, mas a produção acabada, tanto quanto possível *stocks* antigos de qualidade sofrível. E gradualmente chegámos ao ponto em que hoje nos encontramos. Em geral, a análise e prognóstico marxistas diziam-nos que caminhávamos para o encerramento do megaciclo da base da primeira fase da formação socioeconómica comunista; que as relações de produção do socialismo estavam obsoletas e que era preciso reconstruí-las, elevá-las a um novo nível, isto é, realizar a **democratização**

socialista, recorrendo à ideia há muito apresentada pelo partido da **institucionalização da iniciativa crítica criativa de massas da base**; além disso era preciso eliminar urgentemente da base socialista todos os sedimentos e deformações introduzidos pela «*reforma*» de 1965, e regressar à economia do modelo de Stáline de redução dos gastos e dos preços. Se isto não fosse feito, o ciclo podia fechar-se de uma forma explosiva-espontânea, segundo a variante antagónica, e onde há antagonismo social, há tudo o que se quiser: conflito civil, revoltas contra-revolucionárias, ameaça de intervenção externa, etc. E foi isso que aconteceu no final, mas nos anos 70 e 80 aqueles que falavam na possibilidade de um conflito antagónico de base na nossa sociedade eram vistos como doidos varridos.

A doutrina oficial era o chamado «*Programa Integrado de Progresso Científico-Técnico e dos seus Efeitos até ao Ano 2000*», à volta do qual pastavam dezenas de institutos, um rebanho de académicos e doutorados das diferentes ciências. Hoje, todos eles guardam modestamente silêncio sobre a sua criação e sobre os «*efeitos do progresso*» que ela nos prometeu para o ano 2000. Uma coisa é clara: estas promessas nunca tiveram nada a ver com a realidade das coisas.

A resistência comunista popular na época anterior à *perestroika* e as «forças de esquerda» de hoje

Caros camaradas, tudo o que foi dito atrás, bem como muito do que poderia ter sido sobre o mesmo tema, não me ocorreu hoje, *post factum*, mas foi retirado dos meus trabalhos científicos que datam do período anterior à *perestroika*: remontam aos anos 70 e à primeira metade dos anos 80.

O trabalho de sapa do marxismo não foi de um tipo especial que não pudesse ser descoberto, enfrentado com todas as armas, revelado em todos os seus aspectos e, no tempo próprio, arrancado.

Tudo o que aconteceu no país era previsível e foi realmente previsto. Essa previsão, acompanhada de uma argumentação científica detalhada, foi enviada dezenas de vezes a todos os destinatários relacionados com o assunto, incluindo ao aqui referido Andrópov, o qual, caso o desejasse, poderia ter percebido em que sociedade vivia e que futuro estava a ser preparado a esta sociedade pelos seus inimigos.

«*Repito-vos novamente – a vós, não só como presidente do Comité de Segurança do Estado, mas, antes de mais, como membro do Bureau Político do CC do PCUS*», (escrevi eu a Andrópov em 5 de Abril de 1979, numa carta registada com aviso de recepção. Eis a cópia dessa carta e o respectivo recibo) – «*esta verdade à vista de todos, que deveis reconhecer perfeitamente se não perdestes definitivamente o sentido da realidade: em lugar da doutrina marxista-leninista, inquestionável fundamento ideológico do Estado soviético, professa-se hoje no nosso país uma certa caricatura bucharinista do marxismo, que é em suma o restauracionismo burguês. Por esta via desenvolve-se uma **diversão ideológica e política** com tal dimensão e força destruidora que, enquanto não se lhe puser fim, tarefa que incumbe à vossa organização, podemos calmamente dizer adeus a tudo o resto, uma vez que este trabalho «teórico» de sapa (como demonstrou a lição checoslovaca) é mais do que suficiente para destruir o regime socialista na URSS*»

Repito, isto foi escrito em Abril de 1979.

No Plenário de Novembro (1978) do CC do PCUS foi anunciado que as cartas dos cidadãos sobre questões ideológicas seriam examinadas no Bureau Político e foi aprovada a constituição de uma comissão especial, mas os resultados do seu trabalho, aliás como os resultados do referido exame das questões ideológicas pelo Bureau Político, nunca ninguém os conheceu.

Por aqui se vê que o marxismo, em si, não sofreu qualquer derrota, mas foi traído pela cúpula do partido e do Estado (o que foi um reflexo da guerra informativa), isolado de quaisquer canais de comunicação com as massas e impossibilitado de lhes aportar as suas conclusões, as quais nesse período eram tão inatacáveis do ponto de vista científico como sempre o foram, e como tal vieram (infelizmente) a confirmar-se na prática.

No entanto, temos todas as razões para afirmar que, tendo sido traída pela «*elite*» pérfida do partido e dos círculos intelectuais, a doutrina marxista-leninista, no sentido literal da palavra, foi ao encontro do povo e tornou-se um assunto do quotidiano dos cidadãos comuns e dos cientistas não privilegiados. Estas pessoas, muito antes da catástrofe da «*perestroika*», por vezes pondo em grande risco o seu bem-estar pessoal, inundavam (não se pode dizer de outra maneira) com sinais alarmantes todos aqueles que, por dever de função e dever partidário, estavam obrigados a ouvir e compreender tais sinais, e aqueles que de forma criminoso, como se verificou, não cumpriam este seu dever.

Poderia parecer que as nossas actuais forças de esquerda são os herdeiros directos da resistência popular comunista dos anos 70 e 80 e anteriores. Mas então por que razão silenciam tão obstinadamente este notável fenómeno, e tudo fazem para que esta Frente Desconhecida da Terceira Guerra Mundial continue a ser ignorada precisamente como fenómeno da nossa história? Por que razão o início da resistência ao anticomunismo é identificado, da forma mais irrisória, com o artigo de N.A Andréieva,¹⁸ datado de 1988, quando, pelo menos desde 1978 que estas questões foram analisadas no Bureau Político?

Por que razão o PCFR, dispondo de enormes recursos, não destina uma verba insignificante para ajudar a publicar trabalhos, cuja divulgação colocaria um fim definitivo ao palavreado de que, alegadamente, «*não temos teoria*». Ora, a classe mais avançada **tinha e tem** a sua própria teoria, a qual preveniu com dez a 15 anos de antecedência para tudo o que, com grande lástima, fatalmente iria acontecer, e que já na altura propôs soluções construtivas cientificamente fundamentadas.

Infelizmente, há muitos destes «*porquês*».

Por que razão a resistência popular comunista até hoje não foi assunto de uma grande conferência científica, onde circunstanciadamente, ponto por ponto, pudesse demonstrar-se que o marxismo, como ciência, não cedeu nenhuma fronteira ao inimigo na guerra intelectual-informativa?

¹⁸ Nina Aleksándrovna Andréieva (1936), membro do PCUS desde 1966, engenheira química e professora no Instituto de Tecnologia de Leningrado, tornou-se conhecida em toda a URSS após a publicação do seu artigo «*Não posso renunciar aos princípios*», no jornal *Soviétskaia Rossia*, em 13 de Março de 1988, onde rejeitou a campanha anti-stalinista lançada pela *perestroika* e defendeu a «*honra e a dignidade dos pioneiros do socialismo*» incluindo de Stáline. Depois de ter criado em 18 de Maio de 1989 a Associação «Unidade pelo Leninismo e pelos Ideais Comunistas», torna-se presidente em 1991 da Plataforma Bolchevique no PCUS, promovendo a fundação do Partido Comunista Bolchevique de Toda a União em 1991, do qual é secretária-geral. (N. Ed.)

Porquê?...

Os arquivos estão abertos, pelo menos alguns dos participantes activos da Resistência continuam vivos e inteiros, os antigos destinatários de documentos únicos pela sua importância histórica podem hoje falar (membros e funcionários do aparelho do CC, editores e jornalistas das maiores publicações político-sociais e científicas, etc. etc.).

Mas a resposta a todos estes «*porquês*» parece ser infelizmente absolutamente unívoca: porque o actual alegado movimento comunista **não é** herdeiro da resistência popular comunista anterior ao período da *perestroika*. Não é igualmente portador do potencial intelectual do nosso regime que enfrentou a guerra informativa, e apenas em cuja base podemos esperar vencer esta guerra.

Então, nesse caso, o que é que representa o actual movimento comunista?

Se falarmos da sua cúpula dirigente, representa uma reedição imitadora do PCUS de Gorbachov-Iákovlev, uma reedição destinada a encenar nas novas condições a resistência à ocupação e a servir de amortizador entre as massas e o regime colaboracionista.

Vejam como o tal *Soviétskaia Rossia* faz tudo que para que a luta dos trabalhadores «*se mantenha no quadro da Constituição e da lei*», e como apela a ladrões como Berezovski¹⁹ ou Gussinski²⁰: «*Deveis colocar ao serviço da causa da salvação da Rússia a vossa posição e as alavancas da economia que possuis (...) Esta é a única hipótese de salvarem as fortunas e as vossas próprias vidas*».²¹

Será este um discurso comunista? A que propósito queremos nós que os ladrões salvem as suas vidas e tudo o que roubaram? A salvação da Rússia não está na salvação dos ladrões, mas sim em que as alavancas da economia saiam das suas garras e sejam devolvidas às mãos do povo. E como poderemos libertarmo-nos da ocupação, agindo no quadro das «*leis*» que foram estabelecidas pelo regime de ocupação?

O carácter mimético, de «*faz de conta*», do actual movimento de esquerda é hoje o principal ponto nevrálgico de toda a tragédia do povo. É óbvio que sob uma tal «*directão*» a luta de libertação não pode verdadeiramente desenvolver-se, nem sequer começar seriamente. Entretanto o tempo vai passando, e o adversário vai realizando metodicamente os seus objectivos, um atrás do outro.

Calculem o que o inimigo conseguiu fazer enquanto, alegadamente, se andou a preparar «*a greve geral política*», irrealizável e na nossa situação absolutamente

¹⁹ Borís Abrámovich Berezovski (1946- 2013), multimilionário russo e antigo matemático, doutorou-se em 1983, especializando-se em automação. Membro do Komsomol entre 1960 e 1974 e depois do PCUS, torna-se chefe de laboratório no Instituto de Ciências de Controlo da Academia de Ciências da URSS (1970-1987). A partir de 1973 dirige projectos de automação na fábrica de automóveis *AvtoVaz*, construtora dos veículos conhecidos no Ocidente sob a marca *Lada*. Em 1989 funda uma empresa de exportação destes automóveis, acumulando rapidamente uma imensa fortuna pessoal. Perseguido pela justiça, em 2000, exila-se definitivamente na Inglaterra, que lhe concede asilo. (N. Ed.)

²⁰ Vladímir Aleksándrovitch Gussinski (1952), torna-se empresário no sector cooperativo em 1986 e em poucos anos lidera um império que se estende ao sector financeiro e em particular aos *media*, detendo estações de televisão, de rádio, jornais e revistas. Perseguido pela justiça por suspeita de fraude, abandona a Rússia em 2000 e instala-se em Espanha, onde vem a obter a nacionalidade espanhola. (N. Ed.)

²¹ I.U. Katchanovski, «*Crise do poder*», *Soviétskaia Rossia*, de 4 de Janeiro de 1998, p. 2.

desnecessária. Para que servirá ela? Para que no Krémelin se instale o chamado governo de «*confiança popular*», cuja tarefa prioritária será salvar da ira do povo os Berezovski e os Gussinski?

É preciso que no movimento se reforce e gradualmente se torne prevaiente a parte não mimética, aquela que tem posições consequentes e genuinamente marxistas. Alguém com posições marxistas consequentes, é alguém que sempre as teve, mesmo quando o marxismo foi na prática remetido à clandestinidade. Eis o critério que separa o imitador do comunista, do verdadeiro combatente pela libertação da URSS.

É preciso compreender com clareza que as pessoas que estiveram durante décadas no departamento ideológico do CC, nos institutos académicos e outros, nos centros de análise, na revista *Kommunist* e no jornal *Pravda*, etc., que cultivaram ou ajudaram a cultivar cardos ideológicos como o «*socialismo desenvolvido*» e a «*teoria da revolução científica-técnica*», que exaltaram a «*reforma*» de Kossíguine e outras coisas do género – essas pessoas **participaram na guerra psicológica-informativa contra o nosso povo do lado do inimigo**. Perguntem-lhes e interroguem-se sobre o que elas fazem hoje no movimento comunista. Não compreendiam na altura o que estava a acontecer? Mas havia outros que compreendiam perfeitamente. A sua carreira era mais importante? Mas havia outros para quem essa razão nunca se colocou. Resulta daqui, camaradas, que confiais o comando da vossa luta nesta guerra a pessoas que durante uma grande parte da guerra e da sua própria vida consciente combateram no lado do adversário. E será que ainda hoje não compreendem muito bem o que está a acontecer à volta deles ou, mais uma vez, defendem as respectivas carreiras, e não o país?

Esta é uma questão muito séria e enquanto não for resolvida correctamente, nenhuma outra se resolverá.

No que respeita ao tema da nossa resistência intelectual ao inimigo na guerra psicológica-informativa, naturalmente que não se esgota numa única sessão. Espero que seja possível realizar uma série de sessões sobre este tema, uma vez que este tema é, digamos, a reabilitação intelectual plena da doutrina marxista e o seu restabelecimento incondicional como arma ideológica do partido dos comunistas e de todo o povo soviético em luta.